

ROTEIRO DE ESTUDOS

Interpretação de texto (volume 1) Capítulo 1

Aprofundamento teórico (leitura recomendada)

Pg. 1 (linguagens figurada e literal)

Pg. 6 (classificação das figuras de linguagem)

Pg. 7 e 8 (figuras semânticas)

Aprofundamento prático (exercícios recomendados)

Revisando (pg. 22): 1 e 2

Propostos (pg. 26): 2!, 7!, 8.

Complementares (pg. 51): 1, 2, 4, 15!

Atenção: recomenda-se que, após a aula, seja feita a leitura teórica indicada acima e, na sequência, sejam resolvidos os exercícios da listinha de sala. Desse modo, os exercícios do livro de interpretação devem servir como um aprofundamento do assunto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Figuras de linguagem

Def.: _____

Exemplo:

a)

Efeito de sentido: _____

Exemplo complementar

Desde o início dos tempos, **eu vejo**¹ o quanto vocês têm medo do futuro. O futuro é incerto. Assusta. Eu nunca falei nada, mas agora eu vim pessoalmente contar a verdade: eu deveria ter mais medo de vocês do que vocês de mim. Porque eu não posso escolher **nada**, criar **nada**... Viver **nada**². Eu só posso olhar o que vocês fazem aí no presente e torcer para que vocês façam as escolhas certas. (...) Respeitem quem é diferente de vocês **agora**, porque só assim a paz pode existir no **futuro**³. Lutem para ser mais felizes agora, porque só assim a felicidade vai existir no futuro.

Vocês não estão nas minhas **mãos**. Sou eu que estou na **mão** de **vocês**⁴.

Análise dirigida

Legenda:

1. _____

 2. _____

 3. _____

 4. _____

- Exercício exemplo: _____

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

(Santa Casa 2022)

Leia o artigo intitulado "Tempus fugit", de Hélio Schwartzman.

Depois de nos privar de Plutão, que teve sua planetariedade cassada em 2006, cientistas agora ameaçam bagunçar o tempo.

Pretendem eliminar os segundos bissexto ocasionalmente introduzidos no calendário para fazer com que o tempo dos relógios atômicos (oficialmente, 1 segundo equivale a 9.192.631.770 ciclos de radiação emitidos pelo césio-133) não se divorcie de vez do tempo astronômico, em que o segundo vale 1/86.400 do dia.

Até os anos 60, a astronomia era a guardiã absoluta do tempo, mas aí descobrimos que o planeta é pouco pontual: a velocidade da rotação terrestre atrasa um número variável de milissegundos a cada ano.

Se os segundos corretivos forem de fato eliminados [...], o tempo se tornará mais abstrato. Não dirá mais respeito à noite, ao dia, às estações e aos anos.

Os cientistas, é claro, têm suas razões. O problema é que nossos corações são insensíveis a elas. O tempo encerra uma dimensão psicológica à qual não podemos escapar.

Nas "Confissões", santo Agostinho vislumbrou o tamanho da encrincha: "Se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente. De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro –, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade."

Não é por acaso que, além de Agostinho, vários filósofos se apressaram a concluir que o tempo não passa de uma ilusão. Mesmo que ele seja uma realidade ontológica, como querem os físicos, continua despertando perplexidades e até paixões.

Nem toda ciência, filosofia e poesia do mundo nos fazem deixar de lamentar o passado e temer o futuro. Quem traduziu bem esse sentimento foi Virgílio: "Sed fugit interea, fugit irreparabile tempus" (mas ele foge: foge irreparavelmente o tempo).

(Folha de S.Paulo, 20.01.2012.)

1. No texto, está empregado em sentido figurado o seguinte termo:

- a) “descobrimos” (3º parágrafo)
- b) “divorcie” (2º parágrafo)
- c) “eliminar” (2º parágrafo)
- d) “atrasa” (3º parágrafo)
- e) “encerra” (5º parágrafo)

2. De acordo com o texto,

- a) para santo Agostinho, apenas o tempo presente não pode ser questionado.
- b) para os físicos, o tempo não seria mais do que uma ilusão.
- c) para santo Agostinho, a eternidade seria uma espécie de negação do tempo.
- d) para Virgílio, refletir sobre a passagem implacável do tempo seria uma inutilidade.
- e) para Virgílio, lamentar a passagem do tempo seria uma espécie de negação da vida.

(Unicamp 2017)

Em depoimento, Paulo Freire fala da necessidade de uma tarefa educativa: “trabalhar no sentido de ajudar os homens e as mulheres brasileiras a exercer o direito de poder estar de pé no chão, cavando o chão, fazendo com que o chão produza melhor é um direito e um dever nosso. A educação é uma das chaves para abrir essas portas. Eu nunca me esqueço de uma frase linda que eu ouvi de um educador, camponês de um grupo de Sem Terra: *pela força do nosso trabalho, pela nossa luta, cortamos o arame farpado do latifúndio e entramos nele, mas quando nele chegamos, vimos que havia outros arames farpados, como o arame da nossa ignorância. Então eu percebi que quanto mais inocentes, tanto melhor somos para os donos do mundo.* (...) Eu acho que essa é uma tarefa que não é só política, mas também pedagógica. Não há Reforma Agrária sem isso.”

(Roseli Salette Galdart, *Pedagogia do Movimento Sem Terra*)

3. No excerto adaptado que você leu, há menção a outros arames farpados, como “o arame da nossa ignorância”. Trata-se de uma figura de linguagem para

- a) a conquista do direito às terras e à educação que são negadas a todos os trabalhadores.
- b) a obtenção da chave que abre as portas da educação a todos os brasileiros que não têm terras.
- c) promoção de uma conquista da educação que tenha como base a propriedade fundiária.
- d) a descoberta de que a luta pela posse da terra pressupõe também a conquista da educação.

(Unifesp 2019)

Leia o trecho inicial do conto “A doida”, de Carlos Drummond. A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro que pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horrível, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os sãos, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou explicavam demais, e restava a impressão de que eram

todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandades. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a lapidar a doida, isolada e agreste no seu jardim.

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrelhados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de sessenta anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrava, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebatando-se. Os dois nunca mais se veriam. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos 2º contos antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativeiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passaram a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de 3º irrisão.

Vinte anos de uma tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido... Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

(*Contos de aprendiz*, 2012.)

¹lapidar: apedrejar.

²raconto: relato, narrativa.

³irrisão: zombaria.

4.

- "loucura e idade, juntas, lhe lavram o corpo" (4º parágrafo)

- "Ninguém tinha ânimo de visitá-la" (4º parágrafo)

- "a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso" (5º parágrafo)

Os termos sublinhados foram empregados, respectivamente, em sentido

- literal, literal e literal.
- figurado, literal e figurado.
- literal, literal e figurado.
- figurado, figurado e literal.
- figurado, figurado e figurado.

5. "Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão." (4º parágrafo)

Ao empregar a expressão "Deus sabe por que razão", o narrador reforça, em relação à história divulgada, o seu caráter

- fantasioso.
- dramático.
- religioso.
- incerto.
- popular.

(Unifesp 2016)

Leia o excerto do "Sermão de Santo Antônio aos peixes" de Antônio Vieira (1608-1697).

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra.

Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comerem, senão como pão.

A diferença que há entre o pão e os outros comerem é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

6. Em "Cuidais que só os tapuias se **comem** uns aos outros, muito maior **açougue** é o de cá, muito mais se **comem** os brancos." (1º parágrafo), os termos em destaque foram empregados, respectivamente, em sentido

- literal, figurado e figurado.
- figurado, figurado e literal.
- literal, literal e figurado.
- figurado, literal e figurado.
- literal, figurado e literal.

7. No sermão, Vieira critica

- a preguiça desmesurada dos miseráveis.
- a falta de ambição dos miseráveis.
- a ganância excessiva dos poderosos.
- o excesso de humildade dos miseráveis.
- o excesso de vaidade dos poderosos.

(FM Albert Einstein 2021)

Leia a crônica "O pistolão", de Lima Barreto

Quando o dr. Café foi nomeado diretor do Serviço de Construção de Albergues e Hospedarias, anunciou aos quatro ventos que não atenderia a pistolões.

Sabe toda a gente em que consiste o pistolão ou o cartucho. É uma carta ou cartão de pessoa influente, de amigo ou amiga, de chefe político que faz as altas autoridades torcerem a justiça e o direito. Café tinha anunciado que não atenderia absolutamente aos tais "cartuchos"; que ia decidir por si todos os casos e questões.

Firme em tal propósito, ele se trancara no gabinete e lia os regulamentos que inteiramente desconhecia, sobretudo os da sua repartição.

Naquele dia, o doutor teve notícia de que um moço o procurava.

Deu ordem a um contínuo que o fizesse entrar.

— Que deseja?

— Vossa excelência há de perdoar-me o incômodo. Eu desejava ser nomeado porteiro do albergue da ilha do Governador.

— Há albergue lá?

— Há sim, senhor.

Café pensou um tempo e disse com rapidez:

— Não conheço bem o senhor. Quem me garante a sua idoneidade para o cargo?

— Vossa excelência disse que não admitia empenhos...

— É verdade...

— Mas saberá vossa excelência que eu...

— É, é... O senhor deve fazer-se recomendar.

— Tenho mesmo já a recomendação.

— De quem é?

— Do senador Xisto.

— Deixe-me ver.

Café leu a carta e lembrou-se de que esse senador tinha concorrido muito para a nomeação dele.

Leu e respondeu:

— Pode ir. Amanhã estará nomeado.

(Sátiras e outras subversões, 2016.)

8. Verifica-se expressão empregada em sentido figurado no seguinte trecho:

- a) “anunciou aos quatro ventos que não atenderia” (1o parágrafo)
- b) “ia decidir por si todos os casos e questões” (3o parágrafo)
- c) “o doutor teve notícia de que um moço o procurava” (5o parágrafo)
- d) “Vossa excelência há de perdoar-me o incômodo” (8o parágrafo)
- e) “O senhor deve fazer-se recomendar” (16o parágrafo)

9. A crônica permite caracterizar o dr. Café como

- a) austero.
- b) persistente.
- c) corruptível.
- d) impertinente.
- e) inflexível.

ANOTAÇÕES

GABARITO

1.B	2.C	3.D	4.B	5.D	6.A	7.C
8.A	9.C					